

Nota sobre a Universidade Católica do Ponto de Vista da Igreja

As Universidades Católicas não são empreendimentos de particulares, que invocam sobre si o nome e o apoio da Igreja, preocupada com tarefas pastorais mais diretas e voltada, numa "opção pelos pobres", para tarefas sociais; que teria de distrair-se um instante de suas solitudes prioritárias para "dar sua bênção" ao mundo da cultura. Nem são, muito menos, pesadas instituições de que a Igreja gostaria de desfazer-se para, com maior leveza e liberdade, anunciar o Evangelho de uma posição de pobreza e de despojamento. Do ponto de vista da Igreja, as Universidades Católicas não são isso: sua experiência de 20 séculos, sua amplidão que abrange tantos povos, línguas e culturas permitem que o ponto de vista da Igreja tenha uma largueza que ultrapassa de longe as particularidades pastorais que distintos grupos em conjunturas diversas possam atribuir à missão da Igreja. Há preocupações perenes, estruturais, na ação pastoral da Igreja, e que transcendem as conjunturas locais e as palavras de ordem do momento. A preocupação com a Cultura e a Educação é uma delas. E, no que

concerne à Universidade Católica, podemos verificar que, no meio de toda a renovação pastoral que a Igreja viveu desde o Concílio, sua prioridade continua indiscutível, por ser a “ponta de lança da Igreja no mundo universitário”, como diz o recente Documento de Puebla.

Nos textos conciliares¹ e pós-conciliares² distinguem-se três maneiras de fundamentar a importância das Universidades Católicas aos olhos da Igreja:

- 1.º: pela necessidade de estar presente no mundo da Cultura: a Universidade Católica é uma forma especialmente eficaz e historicamente comprovada desta presença.
- 2.º: pela importância da Educação, como tarefa pastoral da Igreja. A Educação Superior é ministrada pela Igreja nas Universidades Católicas.
- 3.º: pela urgência de promover a justiça, e de transformar a sociedade, dando-lhe estruturas adequadas e agentes capacitados para uma ordem condizente com a dignidade de todo o ser humano. As Universidades têm papel estratégico na crítica das distorções, na busca de modelos alternativos, e na formação de lideranças.

Vejamos cada um desses pontos, nos Documentos oficiais.

1º — “PONTA DE LANÇA NO MUNDO UNIVERSITÁRIO”

(Puebla, 861)

Tanto a Constituição Conciliar “*Gaudium et Spes*” quanto o último Documento papal, “*Sapientia Christiana*”, situam a Universidade Católica na temática mais ampla da Cultura e da Fé. O Concílio trata longamente (na 2.ª parte da GS, cap. 2.º) da expansão da Cultura, no mundo moderno; das conquistas das ciências técnicas e humanas; do dever dos cristãos de contribuir para o progresso das ciências. Mostra que a Fé não se opõe à verdade científica, e insiste em que os cristãos estejam presentes

1. Constituições Pastorais “*Gaudium et Spes*” e “*Lumen Gentium*”; Declaração “*Gravissimum Educationis*”, do Concílio Ecumênico Vaticano II.

2. Paulo VI — “*Evangelii Nuntiandi*”. João Paulo II — Discurso aos Estudantes Católicos, México, fev. 1979; Constituição Apostólica “*Sapientia Christiana*” — Páscoa de 1979.

— Conferência do Episcopado Latino-Americano — Puebla, fev. 1979.

— Sagrada Congregação para a Educação Católica e Conselho dos Leigos: Documento conjunto sobre a Pastoral Universitária, julho de 1979.

e participantes em todo o processo de elaboração e difusão dos conhecimentos, sob a inspiração dos valores cristãos e igual oportunidade para todos.

Ora, as Universidades Católicas são justamente a institucionalização dessas tarefas. A atividade científica é uma criação contínuada, pois a pesquisa incessante faz surgir uma série de universos discursivos que se sucedem a partir de perspectivas sempre renovadas. O diálogo entre a Fé e a Ciência tem de ser recomeçado a cada nova etapa, a cada nova mudança de problemática e de referenciais. Para tanto, é indispensável que os cristãos estejam presentes no processo mesmo da criação científica, interroguem a Fé a partir das posições novamente conquistadas, e a expressem na nova linguagem que ajudaram a formular.

Documento de João Paulo II, de abril de 1979 (*Sapientia Christiana*), depois de estabelecer que a mensagem de Deus deve atingir todos os espaços, geográficos e culturais, e mesmo imbuir de Evangelho a totalidade da Cultura, pois “uma discordância entre a Fé e a Cultura constitui um grande obstáculo, enquanto a impregnação da Cultura pelo espírito cristão representa uma ajuda à difusão do Evangelho”, o Papa continua: “Nesta ação da Igreja no campo da Cultura tiveram, e têm ainda hoje, importância particular as Universidades Católicas, que — por sua própria natureza — são uma presença pública, estável e universal da mentalidade cristã em todo esforço de promoção da Cultura Superior” (Ver Decl. “*Gravissimum Educationis*”, n.º 10).

2º — “A IMPORTÂNCIA CAPITAL DA EDUCAÇÃO”

(Vat. II, Decl. sobre a Educação)

“A importância da Educação na vida do homem, e sua influência sempre maior no progresso social de nossa época” é o tema da Declaração Conciliar que o Papa acaba de citar. Nela afirma a Igreja que tem incumbência de seu Divino Fundador, que a torna responsável quanto ao progresso e expansão da Educação em todos os graus, entre os quais merece “acentuado interesse e empenho” o ensino em suas Universidades e Escolas Superiores. Deseja que nelas vigore a liberdade da pesquisa científica, o acompanhamento dos problemas de nossa época, e uma prática acadêmica que mostre por si mesma como a Fé e a Razão colaboram numa mesma Verdade. Por isso, o Concílio “recomenda encarecidamente que se promovam Universidades e Faculdades Católicas, instalando-as nas diversas Regiões da terra; embora mais que o

número, importe a qualidade, e a abertura aos alunos mais carentes de meios, sobretudo nos países subdesenvolvidos”.

A Assembléia Episcopal de Puebla define a “missão educadora primordial” da Universidade Católica: “promover uma cultura integral para formar pessoas que se destaquem por seus profundos conhecimentos científicos e humanísticos, por seu testemunho de Fé diante do mundo, por sua sincera moral cristã, e por seu compromisso na criação de uma nova América Latina mais justa e mais fraterna (n.º 862). O mesmo tinha dito antes o Papa no seu Discurso aos Estudantes mexicanos: “A Universidade Católica deve ser formadora de homens realmente excelentes pelo saber, dispostos a exercer funções comprometidas na Sociedade, e a testemunhar sua fé ante o mundo. A formação científica convém acrescentar profunda formação moral e cristã — não como algo vindo de fora, mas como um aspecto integrante da Instituição Acadêmica. A Universidade Católica deve ser um ambiente onde o cristianismo seja vivo e operante: sua vocação irrecusável é dar testemunho como Comunidade séria e sinceramente comprometida na pesquisa científica e também na vida cristã autêntica”. O Documento de Puebla completa: “A Universidade deve formar verdadeiros líderes construtores de uma nova sociedade. E isso implica, da parte da Igreja, dar a conhecer a mensagem do Evangelho nesse ambiente, com eficácia e respeitando sempre a liberdade acadêmica, inspirando sua função criativa e introduzindo-se na educação política e social de seus membros, iluminando e refletindo na investigação científica” (858).

3º — “LUGAR DECISIVO PARA ILUMINAR A MUDANÇA DE ESTRUTURAS”

(Puebla, 859)

A Assembléia de Puebla quando alude à formação de lideranças cristãs — objetivo tradicional das Universidades Católicas — dá uma ênfase especial ao papel específico dessas lideranças no caso de nosso Continente: construir uma ordem social justa. A transformação das estruturas sociais está onipresente no Documento, em especial no que concerne ao papel das Universidades Católicas: estas constituem uma opção estratégica de Evangelização, que se afirma por vários títulos. Antes de tudo, porque proporcionam aos jovens uma educação comprometida com a causa da justiça na Sociedade, se cumprirem a missão que lhes foi determinada por Medellín, de “formar agentes para a mudança permanente e orgânica exigida pela Sociedade da América Latina” (Medellín 4,II,8). Porém, o Texto de Puebla acrescenta, com muita lucidez, mais

duas funções estratégicas da Universidade na transformação social do Continente. A Universidade forma a "intelligentzia" — que é o lugar da sociedade onde se produz a ideologia, a visão da sociedade sobre si mesma — tanto para justificar as estruturas quanto para criticá-las. Daí a luta que o Documento observa entre as diversas correntes ideológicas para orientarem a Universidade e, através dela, a Sociedade (n.º 857). De fato, devido à sua própria função "reprodutora" das formações sociais, que se atribui à escola, espera-se da alteração do "código genético" das sociedades, autênticas mutações de estruturas. A Universidade na América Latina deve assumir plenamente sua tarefa crítica, porquanto a dose de injustiça incorporada nas suas instituições "brada aos céus" na voz dos seus pastores que, desde Medellín, não se cansam de produzir Documentos que denunciam a situação das massas em nosso Continente como um desafio imenso aos sentimentos cristãos de justiça e de fraternidade. Mas, além da crítica cientificamente estabelecida, e do desmascaramento de ideologias que reforçam a "desordem estabelecida" (sejam tecnocráticas, positivistas, ou de "Segurança Nacional"), compete à Universidade um papel ainda mais importante e positivo: buscar soluções alternativas; pesquisar caminhos, métodos e instrumentos que proporcionem "soluções para os problemas angustiantes da América Latina" (861) e formar técnicos e políticos à altura deste desafio.

São estes os principais tópicos através dos quais a Igreja exprime e justifica seu empenho em promover as Universidades Católicas. É de notar a freqüência com que os Documentos acentuam a *atualidade* e a importância que as condições próprias do mundo contemporâneo conferem às mesmas.

Por um lado, é a enorme demanda de instrução especializada, como aspiração dos homens de hoje e exigência do progresso econômico e social; por outro, é a mentalidade predominante de secularização, o renascente positivismo da ideologia tecnocrática, avessa a toda a transcendência, e mesmo a qualquer humanismo; enfim, são as distorções e injustiças que coexistem com o progresso técnico e a modernização. Tudo isso torna mais urgente, aos olhos da Igreja, a tarefa das Universidades Católicas, que atendem a esta demanda social, por uma formação humanística integral, penetrada de valores éticos e evangélicos, e voltada para a construção de uma sociedade justa. E que podem mostrar a perene atualidade da mensagem de Cristo, em diálogo com os problemas e aspirações do homem contemporâneo, com seus saberes e suas técnicas.

Se em épocas passadas as Universidades Católicas puderam ter uma conotação defensiva, numa Igreja que arregimentava seus

fiéis para defender-se com o "Syllabus" do laicismo e do racionalismo triunfantes, se num passado ainda próximo assumiram uma atitude triunfalista, como brigadas de Cristo Rei reconquistando pela Ação Católica o mundo da Inteligência — hoje, em plena era pós-conciliar, as Universidades Católicas estão sob o signo da Encarnação, do Serviço e do Diálogo. *Encarnação* nas diversas culturas e práticas sociais dos homens, inclusive na produção de conhecimentos; *Serviço* à comunidade, em particular aos injustiçados e marginalizados por discriminações e pecados de sua "ordem estabelecida"; e enfim, *Diálogo*, como espírito e como método: diálogo universal, com todos os homens que procuram Deus, a Verdade e a Justiça, seja qual for o nome que atribuam à busca e ao objeto de suas aspirações.